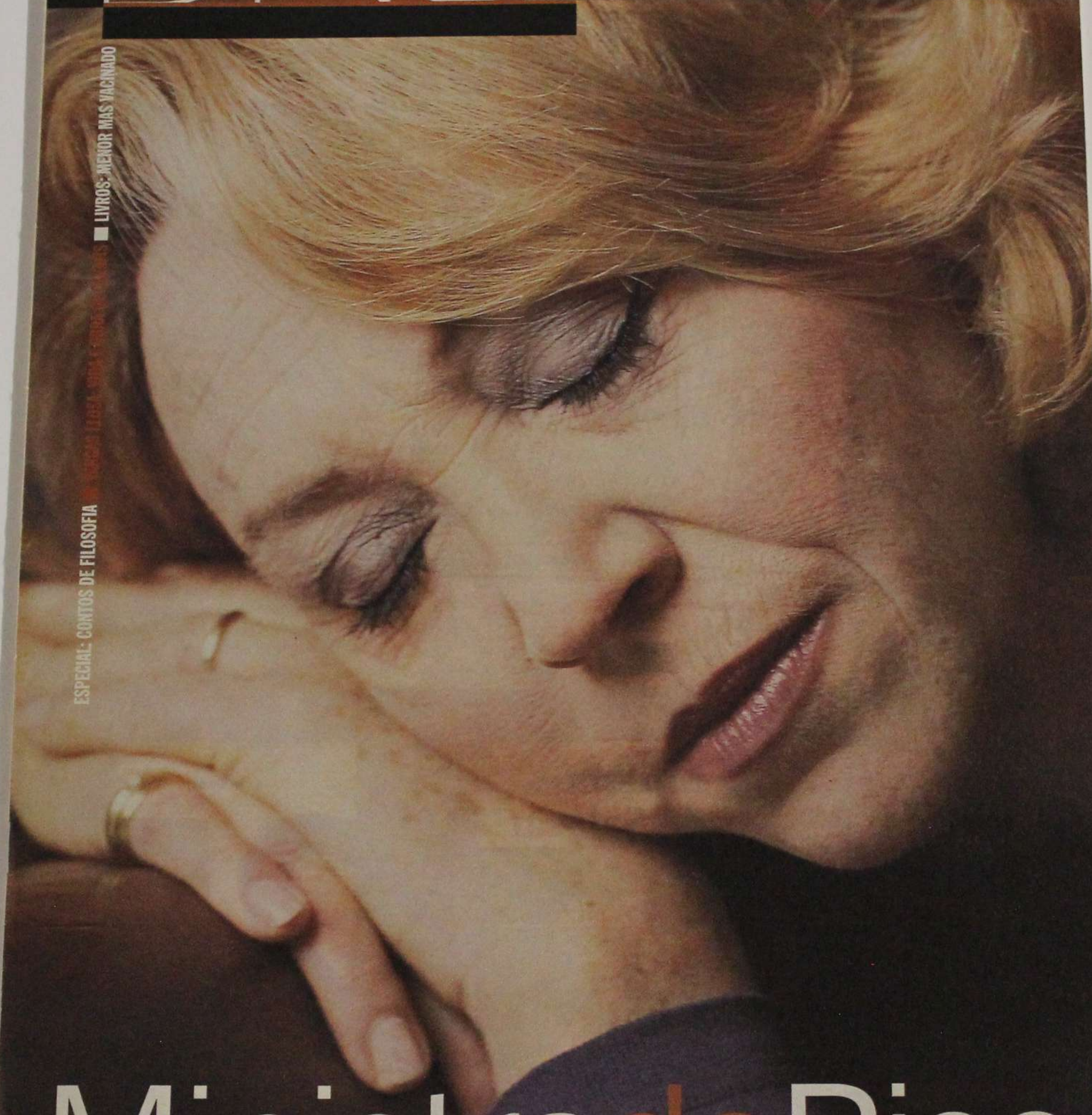


SEXTA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 2006

DNa



ESPECIAL: CONTOS DE FILOSOFIA

LIVROS: MENOR MAS VACINADO

MinistradoRiso

ANA BOLA É ACTRIZ, AUTORA, DIRECTORA DE ACTORES E A ÚNICA MULHER A ESCREVER HUMOR EM PORTUGAL. A BRINCAR, A BRINCAR, UMA ENTREVISTA MUITO SÉRIA

Ana Bola

«Tenho imensa pena de estar a dizer isto, mas a

Habitúamo-nos a vê-la disfarçada de Teixeira da Cunha ou emperquitada como a Lola, agora Senhora

RTP precisa de ser passada a pano de cima a bai-

Ministra. Largou-se dos ilustres padrinhos que a lançaram e conquistou um merecido lugar no podium

xo. Passa-se ali qualquer coisa de muito surrea-

dos que vale a pena ouvir a solo. Autora, directora de actores, actriz, a única mulher a escrever humor

lista. Só lamento estar a fazer um grande esforço,

em Portugal deixa-se ouvir com a acutilância a que nos habituou nas séries em que põe implacavel-

ter consciência de fazer um produto muito razoá-

mente na lama a política dos gabinetes. Ana Bola é de rebolar a rir e, como todo o riso que inventa, ca-

vel e ter 8% de audiência, quando poderia ter o

paz de nos pôr a pensar. A brincar, a brincar, uma entrevista muito séria

dobro ou o triplo, se houvesse "vontade política"»

ENTREVISTA DE TERESA MAIA E CARMO
FOTOGRAFIAS DE AUGUSTO BRÁZIO

Já sabíamos que o sentido de humor não é para quem quer. Anabela dos Santos Simões, baptizada na escola com o simpático nome que adoptou na vida profissional, tinha de lá ter os germes disto tudo. Talvez fossem as histórias imaginadas pela mãe, com a ratazana Procópio e o rato Lilo, que lhe deram esta mania de inventar coisas, como a imaginária irmã - «a Emília» - que criou em miúda. A memória da documentação vai até uma rapariga risonha e cantadeira nos Festivais da Canção, num coro de prodigiosas saias triangulares. Participações em discos, espectáculos itinerantes e mais tarde uma estreia de leão na rádio, aos comandos do lendário «Rock em Stock» foram as saídas da casca de uma jovem secretária no Conselho de Administração de uma multinacional deserta por se meter nestas coisas. Nos programas de Júlio Isidro e depois nos de Her-

man José ganhou uma popularidade impagável e foi crescendo. De escrever os seus próprios «sketches» a ter uma «sitcom» original foi um fósforo, e todos «os bonecos da Bola» lhe foram educando o talento. Educar é sempre podar: deixar crescer com toda a força o ramo que nos agrada. Assim fez e apontou firme a duas coutadas tipicamente masculinas, a política e o humor, zurrindo-lhes com uma fibra invulgar. E graça, montes de graça. Fora do boneco, a Bola é tão divertida como se imagina e tende a menosprezar o estranho croquet de acasos que lhe vem tecendo a vida, arrumando-os na categoria das coincidências. Não vem armada dessa humildade mascarada tão em voga hoje em dia. O olhar azul é cheio de uma vibração que o «galinheiro» (leve) que tem à volta dos olhos não desmente. Talvez o facto de viver no meio de um pinhal, junto do marido de há 20 anos, do mar e dos seus oito cães, contribua. Aqui, Ana Bola fala de todos os seus complementos: os directos, os indirectos e até os circunstanciais.



AnaBola

Tem a noção de que pôs este país inteiro a falar como a sua Teixeira da Cunha?

- Há uma história maravilhosa dessa altura: há umas mulheres dessas que não se dão conta de que falam assim, é engraçado. E houve uma, muito conhecida de resto, que por acaso é jornalista, que me disse: «Você é tal e qual elas!»...

Conhece a ministra Maria de Belém?

- Conheço. Jantei com ela no aniversário do Júlio Isidro. Perguntou-me o que eu ia fazer. Quando lhe falei do «Ministério da Equivalência», ela, simpaticamente, disse-me «Ah sim?, vou ver.» De facto é um gozo, um trocadilho com o ministério dela. Achei-a muito simpática e sorridente e ficámos por aqui. O cabelo dela, hoje em dia, é normalíssimo... Aquele cabelo da minha Ministra não é inspirado em ninguém. A ser, seria num antiquíssimo penteado da Manuela Eanes, que ela já nem usa há anos sequer. Cabelo de cabeleireiro, com muita laça. Algumas senhoras que a gente vê nessas revistas do coração deixaram de usar estes penteados - há uma que eu sei que tinha a alcunha de Lola...

Neste momento, qual é a sua profissão?

- Actriz... é isso. Quando me perguntam assim de chefe é mesmo isso que sinto.

Já faz tantas coisas há tanto tempo, para lá de ser actriz, desde a escrita à direcção de actores...

- Mas fundamentalmente sinto-me actriz, se bem que nem sequer seja o que mais gosto de fazer. Talvez o que hoje prefira seja a direcção de actores, mais até do que de escrever. A escrita por encomenda é complicada e muito stressante.

A «Mulher do Sr. Ministro» passou os 100 episódios, o que deve ser brutal.

- É brutal, de tal maneira que, quando acabámos, a minha vontade era matar a Lola, mas matá-la mesmo. Acontece que eu conheço muito bem as pessoas com quem trabalho, os actores, o realizador, e sei também que a produção funciona. Portanto eles são verdadeiras âncoras, com quem me dou muito bem e me divirto bastante.

Diverte-se a escrever?

- Às vezes. Mas principalmente fico muito, muito, stressada e preocupada. Só escrevo sob pressão e com prazo, curto de preferência. Porque quando meto a primeira folha na máquina penso sempre, mas sempre, que não me vai sair nada.

Quando não está inspirada, como faz?

- Tenho de estar. Ando a semana toda a pensar, vou fazendo na cabeça a linha do episódio. Quando não tenho inspiração - e às vezes não tenho - socorro-me de uma coisa muito banal que é a prática e a tarimba. A «sitcom» é sempre igual, tem três partes: mostra-se a situação na primeira, depois vem o conflito, e na terceira parte resolve-se, e isto é assim em qualquer parte do mundo.

Como é que aprendeu a escrever «sitcoms»?

- Não aprendi. Vi muita coisa lá fora e fui aprendendo... a praticar. Depois começamos a perceber onde nos enganámos e onde temos de mudar de cena. Mas é auto-escola mesmo.

O que lhe dá vontade de rir?

- O ridículo, de uma maneira geral. Para quem escreve humor em Portugal é engraçado, porque há muita matéria... se bem que alguma seja bem amarga. Mas juntamente com o riso tem que se fazer alguma coisa e as pessoas têm de começar a perceber que, se ficarem só em casa a rir dos programas que passam na televisão, este país também não avança.

Nós no DNA temos uma dúvida antiga: quem inventa as anedotas? Sabe? 24 horas após uma bronca, uma tragédia, inventa-se logo uma graça.

- Também me pergunto a mim própria. Não tenho a mais pequena ideia! Mas isso vem provar que afinal há mais sentido de humor em Portugal do que se possa imaginar...

Acha que os portugueses têm mesmo piada?

- Acho que não. Existem umas franjas com piada, os alentejanos, por exemplo, mas não é um povo com muito sentido de humor. Se quisermos comparar com outro, os ingleses, que, sendo conservadores, têm aquele sentido de humor absolutamente genial...! A grande facilidade é um povo conseguir gozar com as suas próprias fraquezas. Julgo que o português não faz isso porque agora as fraquezas também são demais...

Entre nós, qualquer asneiro ou alusão aos genitais continua a ser uma moia certinha para pôr a malta toda a rir. Como ultrapassa isso, conseguindo que as mesmas pessoas que acabaram de ver a novela fiquem a ver o seu programa?

- Esse é o humor xixi-cocó. Se calhar consigo isso porque já há pessoas um bocadinho cansadas desse tipo de humor. Porque às vezes o problema é não perceberem as graças... Eu não acredito que a grande maioria do povo português se sente a ver o «Yes Minister» ou até o «Allô Allô», se bem que tenham muita piada visual. O que tento fazer é um humor muito simples, que eu ache elegante e digno de alguma maneira, porque não gosto do humor xixi-cocó, não acho graça! No caso particular da Ministra e da Mulher do Ministro, também está muito ligado à realidade que conhecemos. Porque toda a gente se ri quando uma pessoa cai na rua, mas se for o primeiro-ministro ri-se muito mais.

O seu trunfo é a simplicidade da linguagem?

- Acho que sim. Mas estou convencida de que se puserem o meu programa com outro do tipo xixi-cocó, as pessoas escolhem este último. Não tenho a mais pequena dúvida.

Justamente por isso, nunca faz cedências à facilidade?

- Talvez em determinada altura tenha pensado nisso, mas tenho a sorte de não o saber fazer, de não me puxar o pé para o chinelo... Ou, com outra leitura, a pouca sorte - porque talvez tivesse mais projecção se fizesse coisas mais básicas.

O fim do cavaquismo era um manancial de informação. Portanto é natural que eu tenha tido muito mais motivos de gozo para escrever episódios. Quanto aos socialistas, se calhar sou mais manso, mas o próprio Guterres é muito manso! Eu sinto isso, precisava que houvesse uma escandaleira...!

É a única mulher a escrever humor em Portugal...

- Não! Há uma rapariga nas Produções Fictícias, a Maria João, que escreve humor. Em grupo, mas essa mulher existe.

Não sabia. Ainda assim, é a única a solo. O humor é uma courtada de homens?

- Sempre foi, não é? Em Portugal continua a ser, sem dúvida. Há um país com muitas mulheres humoristas: a França, curiosamente. Não que eles sejam menos machistas que nós, se calhar até são mais e mais ordinários e tudo. Mas há imensas mulheres humoristas, que as pessoas adoram.

Na «Mulher do Sr. Ministro» os homens eram um bocadinho maltratados. Eram verdadeiros tontos e os papéis fortes eram todos de mulheres. É muito feminista?

- Não discordo. Se me diz isso, acredito... Mas é intuitivo. Acontece também que a maior parte dos políticos são homens, portanto, se vamos brincar com a política, temos de brincar principalmente com homens, porque eles é que são os ministros, os deputados, os presidentes... Nunca tinha pensado nisto dessa maneira, porque não sou nada uma feminista de queimar soutiens, embora não possa deixar de ser feminista. Seria um pouco estranho não o ser num país de homens à antiga... O meu tipo de feminismo é o de qualquer mulher que pensa e percebe que, no dia-a-dia, as coisas de facto não são iguais para homens e mulheres.

Quem são os seus heróis no humor?

- Principalmente os ingleses. Também gosto de «sitcoms» americanas, mais pela técnica que pela piada. Mas a primeira referência são os Monty Phytton, definitivamente. Sou fã incondicional do Woody Allen - é curioso ele ter mais sucesso na Europa, o que prova que os americanos são uns burguesos... em termos de abrangência de humor. Dos portugueses tenho uma referência óbvia que é o Herman - o nosso maior comediante há uma data de anos, que será durante várias décadas. Lembro-me muito do Raul Solnado...

Que foi o único a fazer uma «sitcom» que não era um formato.

- Exactamente, há muito tempo, com a Margarida Carpinteiro. Lembro-me muito bem dele a fazer uma coisa que se faz em todo o lado menos cá - só o Her-



O dinheiro tira-me algumas inquietações, muito típicas desta profissão, como a insegurança. Se de repente tivesse que ficar sem esta casa, teria um enorme desgosto. Mas também a vida não parava aí. Eu fui muito feliz em duas assoalhadas. É óbvio que gosto de ter uma casa grande no meio de um pinhal. Mas não tenho muito mais ambições

man faz vagamente -, que é o famoso «stand up». O Raul fazia-o há 30 anos, com as famosas histórias da guerra. O comediante sozinho a contar uma história... é uma coisa que adoraria fazer, mas não tem tradição em Portugal.

O que acha que se faz de melhor em matéria de humor português neste momento?

- Preferencialmente gosto das coisas que fazem as «Produções Fictícias», com todos os defeitos dos programas feitos em Portugal, com muita pressa e sem os meios realmente necessários. Eles conseguem escrever muito bem um tipo de humor engraçado e elegante (veja-se a série com a Alexandra Lencastre). Acho a Marina Mota muito boa actriz, gosto menos da fórmula: os textos que tem poderiam ter evoluído. Estou à espera de ver o que faz agora. Mas não lhe sou nada indiferente, como também não sou ao Fernando Mendes. Mais uma vez, acho que não tem os textos certos para brilhar, a boa direcção para não exagerar. Mas é um tipo de comediante que existe e tem todo o espaço. Digamos que não são programas que eu veja sempre, embora me interesse ver... as coisas prolongam-se demasiado tempo. Nota-se que os actores já estão cansados, já improvisam demais... e são actores acarinhadíssimos pelo público.

A propósito, nunca sentiu isso nos seus programas, que às vezes é um bocadinho vira o disco e toca o mesmo?

- Senti, com a Mulher do Ministro, mas era um bocadinho inevitável. Porque nesta profissão nós não sabemos quanto tempo vamos ficar sem fazer nada. Por exemplo, desde que acabei a «Débora» até agora estive sete meses sem trabalhar e sem sequer saber se iria trabalhar. Quando se faz uma coisa com algum sucesso

e a única resposta que me deram foi que era muito caro. Se calhar não era barato, mas é um programa ambicioso, com mais tempo e um formato completamente diferente. Poderia dizer-lhe o que era, mas tenho medo que não esteja registado. Acho que nesta altura podia ter um programa desse tipo... não é uma ambição que tenha enquanto pessoa, mas como profissional, porque o formato «sitcom» acaba por cansar e se esgotar. Há muitas zonas do humor onde gostava de ir espreitar.

Tem 47 anos. Só começou a trabalhar em televisão perto dos 30 porque andou quase 10 metidas num escritório, não foi?

- Comecei em televisão talvez em 1980, sim. Nunca tive grande apoio dos meus pais para estas vidas, e eu própria também me forcei um bocadinho quando o meu filho nasceu.

Foi mãe muito nova: aos 20 anos.

- É. Tinha feito o ISLA, o pai do Tiago estava na guerra. Quando voltou, tínhamos crescido cada um para seu lado, portanto era impensável continuarmos casados. Tinha, apesar de tudo, vontade de trabalhar e tive a sorte também de ter uns pais que funcionaram um bocadinho como pais do meu filho. Naquela altura a profissão de actriz era ainda encarada...

Queriu mesmo ser actriz?

- Eu queria ser qualquer coisa que não fosse trabalhar num escritório. Gostava realmente de teatro, cinema, música, e sabia que era por ali que gostava de seguir. Mas os meus pais encaravam com algum cepticismo esta ideia de eu ser actriz, não porque não fosse digno mas porque era - e é - uma profissão instável.

Então saiu de casa...

- Sai de casa aos 18 anos para me casar, porque era a única maneira de sair de casa. Não lhe vou dizer que não gostava do pai do Tiago - com 18 achei que estava apaixonadíssima e que era para o resto da vida. É legítimo. E era também a única maneira de ir viver a minha vida, ainda por cima viviam-se os anos 70, era tudo fascinante, estava tudo a aparecer...

Esteve alguma vez ligada a um partido?

- Não, nunca. Circulava ali pela chamada esquerda em festa... mas nunca me «engajei» politicamente.

Fez alguma coisa radical nessa altura? Ocupou alguma casa?

- Sim! Tinha muito a ver com o folclore da altura, ia a todas, às «manifs», era frequentadora do «Vavá», e havia lá tertúlia... era divertido. Embora tivesse alguma consciência política, que sempre tive, era muito a ideia de festa.

Não a imagino como secretária numa multinacional.

- Era mal, muito mal. Acho que eles me tiveram lá porque me achavam graça. E porque era uma empresa francesa - eu andei no Liceu Francês toda a vida. Falava e escrevia muito bem francês, tinha essa grande vantagem...

O Liceu Francês parece uma espécie de Colégio Militar, onde as pessoas ficam amigas para a vida e um pouco snobs também. Esses 14 anos debarraram-lhe o quê, além da fluência da língua?

- Eu tive uma grande sorte: a minha grande amiga de escola chama-se Maria João Alcoforado, é uma brilhante professora universitária, uma craque, e nunca mais nos vimos. Na adolescência, estávamos diariamente juntas e eu passava as férias de Verão na casa lindíssima dos pais dela, no Estoril. Essa gente, muito bem nascida, era tudo menos snob. Ensinaram-me que havia outras coisas na vida, feitas com grande simplicidade, onde se falava de tudo menos de dinheiro e onde não se exibia coisa nenhuma. Foi uma belíssima escola para perceber que não é preciso ostentar para se viver muito bem, com muito requinte, cheirar muito bem... é engraçado que ainda hoje uso o perfume da mãe dela, um «Dioríssimo!» Tenho muita pena de nunca mais nos termos voltado a ver, muito por culpa minha. Ultimamente tem-me apetecido saber dela. Mas, à distância, acho que foi uma escola fantástica, juntamente com muitos bons professores que tive...

Foi no Liceu Francês que ganhou o nome artístico. A Anabela passou a Ana Bola.

- Mal entrei. Era boazinha, tímida, tinha 3 anos, era pequenina.

Nunca a chateou a alcunha?

- Não, acho-a divertida.

Já fazia teatras? Era descarada?

- Não. Só era descarada quando tinha muita confiança: em casa com a família, que sabia que era bom público. Como no escritório.

Estava no escritório, mas andava sempre com uma «entourage» artística que reunia o Ary dos Santos, o Carlos Mendes, o Fernando Tordo...

- Entretanto tive um caso com o Júlio Isidro que durou dois anos, e foi uma fase engraçada da minha vida. Conheci o Júlio por via dessa gente toda e comecei a trabalhar com ele, curiosamente depois de nos termos separado. Enquanto vivíamos juntos, ele tinha na altura acho que o «Fungagá da Bicharada», eu ajudava-o a fazer uns textos e umas coisas, mas comecei a trabalhar em televisão pela mão dele, de facto...

AnaBola

Entretanto participa no célebre «Fernandinho Vai ao Vinho», onde todos fizeram uma perminha, e começa a fazer espectáculos pelo país. O que fazia exactamente?

- Fazia o que havia para fazer, sobretudo divertia-me. Adorava mascarar-me, os espectáculos eram para crianças, também bom público, e como eu era acriançada dávamo-nos bem. Era tudo entre amigos, nem sequer tinha a ver com dinheiro. Começávamos a rir e só parávamos para dormir. Um dos grandes gozos que me ficou, e que tenho quando trabalho - porque eu não gosto muito de trabalhar... Gosto só porque me divirto. **Integrou o grupo «Os Amigos», que foi ao Festival da Eurovisão. Quando olha para essas imagens, aquelas saíngas, o que sente?**

- Acho muito divertido. De repente, sou uma miúda de 20 e tal anos, trabalho num escritório chato todos os dias, vejo-me metida num grupo do festival e vou à Eurovisão - eu que nunca tinha viajado, vamos embora! Também não estou a dizer que não levei a sério, porque levei. São coisas que me acontecem, vou fazer coros para o Carlos Paíão para ganhar dinheiro e de repente lá vou eu outra vez...

Acredita nisso? Há quem diga que não há acasos...

- São coincidências. Não sou nada esotérica, não acredito nessas coisas. As coisas acontecem, para mim são grandes coincidências. E só.

Depois torna-se promotora discográfica. Era uma grande seca?

- Não. Era uma bela maneira de circular por zonas que me divertiam, rádio e televisão. Sempre gostei muito de música, continuo a gostar. E pagavam-me.

É a partir daí que se forja a ida para a rádio, que é uma entrada de leão. A estreante Ana Bola vai fazer o «Rock em Stock», um programa de topo de audiência da Comercial, substituindo um dos seus mais carismáticos profissionais, o Luís Filipe Barros. Foi uma inconsciência?

- Uma inconsciência do João David Nunes, que me achava graça. Pensei que o Luís Filipe Barros estava estorçado, e eles queriam encontrar alguém desconhecido, que, de repente, até podia manter a audiência tremenda do programa. Ele sabia que eu gostava de música, perguntou-me se queria fazer um programa e eu «tout court» respondi - quero! É inconsciência, não é? Entro no «Rock em Stock» sem saber fazer nada de rádio, com quinze homens no corredor a ver quando é que eu me espalhava. Espalhei-me várias vezes. Lembro-me de que me aconteceu uma coisa horrível na 1ª semana: parti a mão esquerda. Como já não sabia mexer no giradiscos nem com as duas... os ouvintes tiveram muita paciência. Mas também fui insultada de tudo, devo dizer. O Luís Filipe Barros era uma vedeta, de facto.

E lá se aguentou à bronca... Ficou viciada nos media, como tantos que tomam o gosto ao microfone?

- A rádio é fascinante, mas para mim é um capítulo encerrado. Adorei, mas fiz rádio de uma maneira muito cansativa. Fui a todas, fiz as manhãs, as madrugadas, varri a casa. Entravam todos para o quadro por estarem nos partidos, e eu comecei a chatear-me francamente com essa situação. Fiquei magoadíssima na altura e vacinada para sempre. Não sabia que as coisas eram tão cruéis. Tu alistavas-te num partido, eras assistente de realização e uma semana depois estavas a fazer programas!... Não queria acreditar até que ponto isto era verdade. E era. Fiquei de tal forma alérgica à rádio que deixei de passar perto da Comercial - e quando passava doía-me a barriga.

Dá ideia que os homens são determinantes na sua vida profissional. Entra para a televisão pela mão de Júlio Isidro, começa a trabalhar com o Herman José depois de o seu marido tocar na banda de «O Tal Canab», José Eduardo Moniz dá-lhe a ideia da «Mulher do Sr. Ministro»...

- Sempre tive algum sucesso junto do público masculino!

Fomo-nos habituando a conhecê-la através dos programas do Júlio Isidro, sempre com nomes extraordinários. Em que cantinho guarda a Anucha-mil-homens, a Cri-Cri, A Fada Rica, a Baby Dolares?

- Lembra-se de coisas que eu nem me lembrava... Mas essas personagens guardo-as com imenso carinho porque foi com elas que comecei a ser conhecida e a ter oportunidade de vir a fazer outras coisas. É de temperamento. Da mesma maneira que não guardo um recorte de jornal. Não tenho nada de nada, nem uma fotografia. Estou-me nas finitas, completamente. Não guardo os textos sequer. Imagino que se um dia forem precisos alguém há-de tê-los.

É nesses programas que começa a contracenar com Maria Vieira, agora uma atriz chave do seu novo programa. Os amigos duram-lhe uma eternidade?

- Como são tão poucos, duram. A Maria e eu estamos às vezes meses sem nos vermos ou falarmos - mas somos amigas, sempre. Agora está a trabalhar comigo, e eu estou encantada. Talvez não tenha conquistado muitos novos amigos. Os meus são os de sempre. São sempre muito mais novos do que eu e isso é engraçado. Geralmente são jovens da idade do meu filho, porque acho as pessoas da minha idade, duma maneira geral, muito chatas e cansadas.

Falemos de outro dos homens da sua vida: Herman José. Reconhece-lhe o papel de padrinho?

- Absolutamente. Se tiver que eleger dois ou três homens da minha vida, o Herman é sem dúvida um deles. Foi ele que me pôs a escrever...

A cada vez mais inquestionável Maria Rueff surge na «Mulher do Sr. Ministro». Foi a Ana Bola que a «descobriu»?

- Não, na realidade foi o Herman que a viu fazer um espectáculo de café-concerto. Sabia que eu andava à procura de uma jovem atriz para pequenos papéis numa série que ia fazer e disse-me para a ir ver. E fui. Acho que quando ela percebeu que eu lá estava - tinha acontecido o mesmo com o Herman - fez o espectáculo toda morta, mas morta de vergonha. Coifadinha...! E tanto o Herman como eu percebemos que poderia vir a ser uma comediante incrível, porque as poucas coisas que fazia eram brilhantes. Confirma-se! É muito nova e tem todo o tempo para desatar a voar. O Herman diz que a vai «soltar» em 2001. Vamos a ver. Ela é muito frágil, tímida, mas como é muito boa acredito que vá longe.

Por falar em soltar, a Ana Bola é a única pessoa que

se libertou do universo Herman com autonomia.

- É verdade que sim. Mas também porque a partir de certa altura passei a escrever os meus próprios textos. Ser autora dá uma autonomia que um actor só por si não tem, está sempre dependente de papéis que alguém tenha para ele.

Leu a crítica recente de Miguel Gaspar, aqui no DN, que reflecte um pouco a ideia de que é muito menos acutilante com o poder socialista do que com o cavaquismo?

- Li e gostei imenso, mas essa por acaso é a única coisa em que não concordo com ele. Mas tem razão num aspecto: o fim do cavaquismo era um manancial de informação. Portanto é natural que eu tenha tido muito mais motivos de gozo para escrever episódios. Acho até que estes estão mais políticos do que nunca, estou a pensar aligeirá-los um pouco porque dá-me a ideia - posso não estar certa - de que algumas pessoas preferiam ver mais disparate visual do que o gozar constante com um facto político. Na crítica do seu colega concordo com quase tudo o que ele diz...

Por exemplo, que a «Débora» foi um falhanço?

- Tenho que reconhecer que terá sido, embora ache que os episódios não eram maus e consiga perceber hoje por que falharam.

Como trabalha o contraste entre as personagens que cria e as que satiriza? Na «Débora» era inevitável a associação com a Agata... Qual o traço que separa o retrato da caricatura?

- Teria sido muito fácil para mim limitar-me a fazer caricaturas das cantoras pimba. Mas uma caricatura é só uma caricatura. Não conseguiria fazer 25 minutos de episódios só com isso. A menos que tivesse o que estava inicialmente previsto, por razões de produção que me ultrapassaram, que seriam exteriores de palco, com cenas de bastidores e de camarim. Percebi o que tinha falhado, para lá disso, quando li a crítica do João Govern, feita com imensa acutilância e atenção: o humor funciona principalmente quando se brinca com as minorias, e com os que estão na mó de baixo. Os políticos, para todos os efeitos, estão sempre na mó de baixo. Os cantores pimba... não! É mentira! Na altura estavam com o maior sucesso, o público português compra os discos deles à patada, portanto...

Então foi um problema de oportunidade sócio-cultural?

- Foi, fora de tempo. De facto, como é que se vai gozar com as Agatas desta vida se é das Agatas que o povo gosta?! Mas 26 episódios confinada a uma cozinha, um quarto e uma sala foi a coisa mais difícil que tive de fazer na vida. Quanto aos socialistas, se calhar sou mais mansa, mas o próprio Guterres é muito manso! Eu sinto isso, precisava que houvesse uma escandaleira...! O seu colega tem imensa razão. Há ainda outra coisa: só fizemos três episódios até agora. E pela experiência que eu tenho, em qualquer programa de TV, só se encontra a fórmula - se se encontra - ao 4º, 5º, episódio. Sinto isso na escrita. Em relação à crítica em geral, ultimamente tenho aprendido mais com ela do que alguma vez aprendi.

Como caracteriza a sua relação com a RTP?

- Como dizer? A Maria Elisa saiu e houve aquele interregno de sete meses, em que ninguém me disse uma palavra, mas uma palavra. Deixei de existir. Cheguei a pensar que era mesmo só comigo, mas depois comecei a falar com outras pessoas na mesma situação e percebi que era um problema de estrutura, da casa. **Sete meses é muito tempo.**

- Pois é. Houve um telefonema da Arlete Perdigo, a perguntar o que eu queria fazer, e falei nalgumas hipóteses. Entretanto eles foram para Cannes e nunca mais ninguém me telefonou durante... bastante tempo. Ai resolvi ligar directamente para o João Grego Esteves, porque andava no ar uma hipótese de fazer uma coisa noutra sítio e tinha que resolver a minha vida. Ele recebeu-me, foi muito pragmático, muito simpático, disse-me que sabia que as pessoas estavam a ser, não digo maltratadas...

Pouco acarinhadas, se quiser usar um eufemismo usual...

- ... isso... pela RTP e que ia tentar rever essa situação e propôs-me «A Senhora Ministra». A série estreou há quatro semanas, e não faço ideia nenhuma se os directores gostam ou não... Mas também percebo que a situação deles seja muito complicada. Não há uma definição em relação à própria posição das pessoas que decidem em nome da RTP e a levar com as coisas em ci-



À rádio é fascinante, mas

para mim é um capítulo

encerrado. Fui a todas, fiz

as manhãs, as madrugadas,

varri a casa. Entravam

todos para o quadro por

estarem nos partidos. Não

queria acreditar até que

ponto isto era verdade. E

era. Fiquei de tal forma

alérgica à rádio que deixei

de passar perto da Comercial

- e quando passava doía-me a

barriga

ma. Passa-se qualquer coisa de muito surrealista, que já nem passa pelos directores da casa, não sei a que nível se passa, francamente, mas caramba, eles pagaram o programa! - mais do que qualquer pessoa, devem ter interesse em que seja visto. Tenho imensa pena de estar a dizer isto, porque toda a vida trabalhei na RTP, fui bem tratada, desacompanhada em determinada altura, mas aquela casa precisa de ser passada a pano de cima a baixo. Só lamento estar a fazer um grande esforço, ter consciência de estar a fazer um produto muito razoável, em alguns casos acima da média na zona do humor, e ter 8% de audiência quando poderia ter o dobro, ou mesmo o triplo, se houvesse «vontade política» (!!!).

Iria trabalhar para a SIC ou TVI?

- Eu sou... A RTP, ao contrário do

que fez com muitas das pessoas que

lá trabalham, como o Nicolau ou a

Maria Rueff (quando ela lá estava),

nunca mostrou interesse em fazer

um contrato de trabalho comigo.

Estes anos e séries todas depois?! Até o surrealismo

tem os seus limites.

- Nunca. O meu contrato é sempre com a produtora

externa. Também é um mistério para mim. Faz-me

pensar que eles têm algum interesse em que eu lá esteja,

mas também não têm tanto como isso, porque quando não se faz um contrato com uma pessoa é porque não há grande vontade de a segurar. Portanto, como não tenho qualquer tipo de contrato, estou sempre a considerar trabalhar onde as condições forem melhores. E, sublinho, não estou a pressionar ninguém para me fazer um contrato. Porque, se por um lado sinto que ele me daria alguma segurança - uma enorme insegurança foi o que eu sempre senti com a RTP -, por outro, dá-me uma grande liberdade. E pesadas as duas coisas, teria de pensar muito bem. Porque esta liberdade vale muito dinheiro.

Muitas vezes não chega a ter preço. E isso dá que pensar.

- Dá, pois. Dá-me principalmente

que pensar que se calhar valho muito

menos do que imagino. Não é que me

tenha em grande conta, mas, caramba, não sou pateta, e sei

que valho alguma coisa. Não são os

outros que estão mal: ainda bem

que o Nicolau tem um contrato, ainda bem que toda a

gente tem contratos. Mas traz alguma mágoa. Pensando

nisto, não sei o que é melhor. Se a minha liberdade

dezinha de poder escolher... se-ter as férias pagas. É uma

escolha complicada. Mas que dá que pensar.

Não é muito ambiciosa.

- Não. Mas é fácil dizer-se isto quando se ganha bem, se tem uma casa que é a que se sonhou e se fazem algumas viagens, ao fim de tanto tempo. Não posso dizer que não é agradável ter dinheiro. Obviamente que é, toda a gente gosta.

Mas não vive mal?

- Não, e se me quiser comparar com o português médio sou uma princesa. Não vivo de maneira nenhuma luxuosamente, mas dá-me bem.

Também costuma dizer que está deserta para deixar de trabalhar e quando isso acontecer começa a fazer croquetes para fora. São bons os seus croquetes?

- São óptimos. Aliás, eu sou uma ótima cozinheira. Isso deve ter sido dito noutra perspectiva: se ficar sem trabalho, na TV ou no teatro, não pensem que vou morrer à fome, aí isso não vou mesmo, nem que tenha de fazer croquetes para fora!

Tem algum ex-libris gastronómico, uma receita Ana Bola?

- Não, sou completamente baldas nisso. Mas cozinheiro mesmo bem, agora a sério. Só que sou muito indisciplinada na cozinha: incapaz de seguir uma receita, não tenho uma balança - por isso não faço doces, só coisas que possa fazer a olho. Coisas portuguesas, principalmente. Faço tudo o que possa imaginar. É gosto imenso.

E dieta, não faz?

- Que remédio...! Por exemplo, agora estou a fazer, mas sabe para quê? Para depois poder comer tudo outra vez. A minha ideia é perder quilos, quilos, quilos, para depois... ora cá vai disto. Estilo acordeão. Tem a ver com ter 47 anos. Tenho de ter algum cuidado para durar pelo menos até à idade do Pessa, uma coisa a que acharia alguma piada. Mas tenho sempre imenso que fazer quando não tenho nada que fazer. Uma casa no meio do campo - tem de se estar constantemente a limpar, tenho oito cães...

A ideia de ficar sem dinheiro inquieta-a.

- Quer dizer... Se de repente tivesse que ficar sem esta casa, digo-lhe que teria um enorme desgosto. Mas também a vida não parava aí. Eu fui muito feliz em duas assoalhadas. Agora, é óbvio que gosto de ter uma casa grande no meio de um pinhal. É dinheiro para comer bem e comprar muitos brinquedos para os meus netos. Mas não tenho muito mais ambições. Gostaria de poder manter este nível de vida. Se tiver que refrear um bocadinho aqui e ali, também não é por aí que vou ser mais infeliz. O dinheiro tira-me algumas inquietações, muito típicas desta profissão, como a insegurança. Essa insegurança assusta-me. Ainda por cima porque sou casada com um músico.

O que é feito do seu marido, o Zé Nabo?

- O meu marido continua igual a ele próprio. É o último hippie.

Hippeu ou não, têm um bonito casamento, não é?

- É, é. Vivemos juntos aí há 20 anos e somos casados há 17 ou 18. E obra! Ele continua a tocar imenso, com a Ala dos Namorados. Mas um músico em Portugal é tradicionalmente mal pago, pelo que nem aí posso repousar.

Isso não parece chateá-la profundamente.

- Não me chateia mesmo nada. Mas preocupa-me ficar sem trabalho e pensar que só o dinheiro dele é curto para, pelo menos, vivermos desta maneira. Quando digo isto parece que vou comer lagostas todos os dias e que tenho carros de 18 mil contos. Não tenho. Nem ambiciono. De qualquer maneira é curto. Hoje em dia não. Eu ganho bem, ele faz os seus concertos, vivemos de uma maneira muito equilibrada, mas assusta às vezes pensar no futuro. Não me martirizo com isso, mas por vezes entro um bocadinho em ansiedade, e é ele quem me acalma. A verdade é que tive grandes temporadas sem sequer receber um telefonema, portanto... Isso pode acontecer.

Renova o guarda-roupa ao ritmo de cada estação?

- Sigo, mais ou menos.

Compra muita roupa?

- Tenho umas alturas de compulsão - deve saber muito bem como é -, de comprar uma coisa que depois... aí, Deus do Céu! Mas não sou nada gastadora, porque compro coisas baratinhas. Sou um bocadinho pindérica a esse nível. Acho que com a idade comecei a perceber que há umas coisas que vale a pena comprar mais caras, porque duram mais, são mais bem feitas e tal. Mas mesmo assim sou muito tentada pela t-shirt ao quilo! ■